

pecial para todos nós.”

Ao lado, outra família de emigrantes madeirenses junta-se à festa. Têm raízes no Faial e em São Roque, no Funchal, e estão há largos anos radicados na África do Sul. A avó Celeste Gomes e a neta Bianca da Silva, mais Nádia, uma cunhada de origem italiana que as acompanha, partilham da mesma alegria de viverem o Natal típico da Madeira.

“Adoro a minha terra, se pudesse vinha para cá viver de vez”, assume Celeste Gomes, realçando o facto de poder, através desta ‘Noite do Mercado’, reviver as tradições “de quando era pequena”.

A neta, que pela primeira vez veio à Madeira, reforça o entusiasmo da ocasião: “É lindo, todas estas luzes, a música, estou a adorar.” Das iguarias, destaca a carne de vinho e alhos, dos usos e costumes aponta o prazer especial de acordar cedo para estar nas missas do parto. Até o frito “sabe bem”.

Natural de Aveiro, mas a viver em São Francisco, na Califórnia, Angelino Santos está a passar o seu primeiro Natal na Madeira - a terra da sua esposa. Entre uma dentada na sandes de carne de vinho e alhos - “está uma maravilha”, elogia - e um gole de cerveja madeirense, diz-se “maravilhado com o ambiente de festa” que veio encontrar em redor do Mercado dos Lavradores.

“Isto é tudo muito bonito, mas estou ainda mais ansioso pelo fogo de artifício do último do ano”, confessa.

Negócios vão bem obrigado

Apesar de chuva que de vez em quando caía com mais intensida-

Cá fora, à porta do Mercado dos Lavradores, Teresinha Rodrigues e familiares viviam intensa-mente o pitoresco ambiente madeirense da ‘Noite do Mercado’. A ocasião serviu para juntar membros da família que se encontram espalhados pelo mundo, desde os Estados Unidos da América a Aruba, e que vieram ‘matar saudades’ da sua terra.

Muito emigrantes e estrangeiros
Teresinha assegura que esta tradição da ‘Noite do Mercado’ é cumprida todos os anos. De resto, o Natal é vivido sempre com grande fervor. “Vivo no Caniço, mas vim a todas as missas do parto em São Martinho”, explica. Ali, no mercado, o que mais a seduz são as canções de Natal “Adoro cantar”. Para aquecer a garganta, porque a noite se faz fria, traz consigo uma poncha e um aguardente, mais uma broas de mel para ajudar a ‘enxugar’ o álcool.

A prima Olívia Freitas não se cansa de elogiar a Madeira e as suas gentes “amáveis e carinhosas”. E professora naquela ilha holandesa situada perto da costa da Venezuela, mas confessa que a trocava de bom grado pela terra onde nasceram os seus pais. “Fui feita aqui na Madeira, embora tenha nascido em Aruba”, sublinha.

De resto, vinca que este é para si “um Natal único”. Trouxe consigo os filhos e só lamenta que a mãe não a tenha acompanhado desde Aruba. “Esta é uma reunião familiar, um momento muito es-

NÉLLO GOMES
ngomes@dnovicias.pt

Não foi a enchente de anos anteriores, porque a chuva que começou a fazer-se sentir ainda ao final da tarde ajudou a desmobiliar muita gente, mas ainda assim um grande número de madeirenses fez questão de descer ontem à noite ao centro do Funchal, para cumprir a tradição da ‘Noite do Mercado’. Uns, cada vez em menor número, para fazerem as últimas compras de Natal no Mercado dos Lavradores - o costume que está na génese desta noite sempre especial -, outros, a maioria para entrar na festa dos cantares e dos baílinhos, saborear uma sandes de carne de vinho e alhos ou ganhar ‘embalagem’ para uma noite que se prevê longa com uma poncha, um ‘quarto de litro’ ou uma cerveja.

Mas há também os que tentam preservar a tradição de antigamente com o divertimento que predomina de há uns anos a esta parte. E o caso de Rafael Castro, que conjuntamente com a esposa e o filho fazia as últimas compras no mercado, estava ainda a noite nas primeiras horas.

“É um costume que já vem de antigamente, dos tempos dos meus pais e avós”, vinca. Explica que iria deixar as frutas e as flores frescas em casa, mas que depois era certo o regresso para a festa. “Vamos voltar para nos divertirmos, porque é isto que lembra o Natal!”, acrescenta.

de e obrigava as pessoas a se recolharem nos recantos da rua, Maria Adelaide não se queixava do negócio de churros, malassadas e cachorros-quentes na Rua dr. Fernão de Ornelas.

“Está a correr bem até agora, se começar a chover muito é que pode complicar”, admite. Mas diz ter feito “um pacto com São Pedro” e por isso tem a certeza de que as coisas vão correr bem noite dentro. “A partir da meia-noite é que se começa a vender melhor”, admite esperançada. Fala a voz de quem não falha uma ‘Noite do Mercado’ há muitos anos.

“Tenho vindo a todas, mas já antes estava sempre presente na feira que se realizava no Almirante Reis”. Há 52 anos mais precisamente. “É sempre uma boa oportunidade para fazermos um bom dinheirinho”, acentua.

Quem não teme a chuva é Verónica Barradas. “Ouvi dizer que ia chover e vim preparada, trouxe dois guarda-chuvas”, explica. Como sempre faz todos os anos, esta mulher de idade já avançada veio da Calheta ao Funchal para participar na ‘Noite do Mercado’. “Já faz parte da tradição”, esclarece. Antes, lembra, “vinha fazer as compras no mercado, mas nos últimos anos, porque há mais confusão, compro tudo atempadamente e só venho para me divertir”.

Este ano, trouxe consigo um casal de amigos, mais novos, que se encontram emigrados em França. “Mas já cheguei a vir em excursões”, explica. A deslocação, acrescenta, vale “pelo passeio, pelo divertimento e também por aquilo que se come”. Porque, como sublinha, “isto é que faz lembrar que é Natal!”.

DESTA VEZ, OS CHAPEUS DE PAI NATAL TIVERAM OUTRA UTILIDADE: PROTEGER DA CHUVA

MUITOS EMIGRANTES MADEIRENSES ESTIVERAM PRESENTES NA ‘NOITE DO MERCADO’



Muitos madeirenses desceram à baixa já prevenidos para a anunciada chuva.